



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

NATHÁLIA MIKAELLY LINDOLFO DA SILVA

ENTRE *FRANKENSTEIN* E O MÉDICO E O MONSTRO: UMA ANÁLISE
INTERTEXTUAL DAS RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS

GUARABIRA – PB
2020

NATHÁLIA MIKAELLY LINDOLFO DA SILVA

**ENTRE *FRANKENSTEIN* E O MÉDICO E O MONSTRO: UMA ANÁLISE
INTERTEXTUAL DAS RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DOS ENREDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras da Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito
parcial para obtenção do título Licenciado (a) em
Letras.

Área de concentração:

Orientador: Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa

**GUARABIRA – PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Nathalia Mikaelly Lindolfo da.
Entre Frankenstein e o médico e o monstro [manuscrito] :
uma análise intertextual das relações na construção das
narrativas / Nathalia Mikaelly Lindolfo da Silva. - 2020.
28 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2020.
"Orientação : Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Shelley. 2. Stevenson. 3. Intertextualidade Implícita. I.
Título
21. ed. CDD 801.95

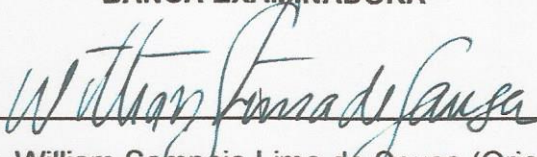
NATHÁLIA MIKAELLY LINDOLFO DA SILVA

**ENTRE FRANKENSTEIN E O MÉDICO E O MONSTRO: UMA ANÁLISE
INTERTEXTUAL DAS RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DOS ENREDOS**

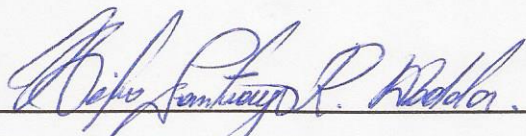
Trabalho de conclusão de curso (Artigo)
apresentação à coordenação do curso de
Licenciatura em Letras Inglês, da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
como requisito parcial para obtenção do título
licenciado (a) em Letras

Aprovado em: __25__/_11_/__2020__.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Hélio Santiago Rodrigues Abdala
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus e em seguida a minha família por sempre acreditar em mim e me apoiar durante todo o percurso deste curso, em especial aos meus pais Ângela e Lindolfo, e aos meus irmãos Phillipy e Júnior que sempre estiveram ao meu lado independentemente da situação.

Quero agradecer a todos os professores em especial ao meu orientador, o professor William Sampaio Lima de Sousa que desde o início do curso sempre esteve muito presente e que foi muito prestativo durante a escrita deste trabalho assim como durante toda a graduação.

Agradeço a todos os amigos que a universidade me proporcionou: Ruth, Larissa, Kalini, Eli Mateus, Remysson, Vanessa, Gessyca, Camila, e em especial a Ângela, Máisa e Daniel que sempre estiveram muito presentes, acreditando e me apoiando em diversas situações, e a todos da minha turma. Ao pessoal do meu trabalho que me acompanhou e me apoiou. E aos meus amigos: Evelin Guedes, João Victor e Sayonara Dias, que acompanham minha jornada acadêmica muito antes de ingressar na UEPB.

Todos foram de extrema importância para que hoje eu pudesse celebrar mais uma etapa da minha vida, concretizando o sonho de me tornar uma profissional na área da educação. A todos o meu carinho e os meus sinceros agradecimentos.

“It is always fun to do the impossible, because that is where there is less competition.” (Walt Disney)

RESUMO

O presente trabalho aborda uma análise intertextual entre as narrativas do romance *Frankenstein*, de Mary Shelley, e a novela *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson. Tendo como objetivo uma análise comparativa apontando as semelhanças e diferenças entre os personagens principais das obras e a estruturação do enredo. Para o embasamento deste trabalho, usaremos os conceitos teóricos de Julia Kristeva (1974), sob a ótica da intertextualidade, e os estudos comparados de Tânia Carvalhal (2006). Dessa maneira, torna-se possível uma análise intertextual, comparando o enredo das obras, exemplificando as semelhanças e diferenças através da intertextualidade implícita.

Palavras Chaves: Shelley; Stevenson; Intertextualidade Implícita.

ABSTRACT

The present paper approaches an intertextual analysis between the narratives of the novel Mary Shelley's novel *Frankenstein* and Robert Louis Stevenson's *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hide*. Aiming at a comparative analysis, similarities and differences between the main characters of the Works and the structuring of the plot. To support this work, we will use the theoretical concepts of Julia Kristeva (1974), from the perspective of intertextuality, and the comparative studies of Tânia Carvalhal (2006). In this way, an intertextual analysis is possible, comparing the plot of the Works, exemplifying the similarities and differences through the implicit intertextuality.

Key Words: Shelley; Stevenson; Implicit Intertextuality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	Justificativa e metodologia aplicada ao estudo.....	9
2	RESUMO DAS OBRAS.....	10
3	DISCUSSÃO TEÓRICA: INTERTEXTUALIDADE.....	12
3.1	Diacronia sobre os estudos comparativos.....	12
3.2	Intertextualidade.....	13
4	ANÁLISE TEXTUAL.....	17
4.1	Das semelhanças entre os textos.....	17
4.2	Das diferenças entre os textos.....	21
5	CONCLUSÃO.....	27
	REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo propor uma análise comparada entre as seguintes obras: *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818) e *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson (1886). A delimitação analítica converge para uma análise intertextual implícita, ou seja, por meio do horizonte de expectativa¹ do leitor, o analista pode observar as relações convergentes e divergentes na estruturação das narrativas em exame.

Publicado em 1818, o romance *Frankenstein*, de Mary Shelley surgiu no verão de 1816. Percy Shelley, Mary Shelley e Lord Byron decidem realizar uma aposta como forma de distração. A aposta tinha como meta a composição de uma narrativa grotesca. Do certame entre os escritores, surge uma das grandes obras do Romantismo inglês: *Frankenstein*, de Mary Shelley. A obra não foi publicada automaticamente; pois, ela era considerada uma narrativa sombria demais para época. O romance descreve a criação de um ser monstruoso por intermédio de Victor Frankenstein. O segundo impeditivo para o ato de publicação foi: o texto é concebido por uma mulher. Dessa forma, seu marido Percy Shelley, poeta de língua inglesa, publicou o romance.

A novela *O médico e monstro*, de Robert Louis Stevenson (1886) é uma narrativa gótico-vitoriana² que relata/aborda um evento insólito: um médico cria um ser monstruoso que aterroriza os cidadãos de Londres. Por esse viés, pode-se dizer que ambas as obras possuem um certo tipo de semelhança entre a construção das narrativas e os personagens principais, fazendo com que o leitor possa criar uma relação entre os textos e os personagens das narrativas em análise. Assim, a pesquisa se volta para uma análise intertextual de trechos das narrativas e o comportamento dos protagonistas, ressaltando seus pontos convergentes e divergentes.

No que concerne aos pressupostos teóricos, tomamos como base o conceito de intertextualidade, de Julia Kristeva (1974, p. 64). A autora aponta que, “a intertextualidade se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto”. Observamos este fenômeno entre as tramas em

¹ O horizonte de expectativa parte do conhecimento do próprio leitor/ouvinte, o modo como se situa a partir de um ponto de vista subjetivo.

² Surgiu no século XVIII com a obra *O Castelo de Otranto* (1764), Horace walpole. As principais características do Gótico na literatura são o medo, a deformação do corpo, seres sobrenaturais e cenários como florestas, cemitérios, igrejas e outros.

análise; porém, não de modo objetivo, mas através do horizonte de expectativa do leitor, pois se faz necessário o esforço cognitivo do mesmo. Para isso, buscamos o entendimento sobre intertextualidade implícita e explícita na visão de Koch, Bentes e Cavalcante (2007). Por essa perspectiva, pode-se visualizar uma equivalência entre as obras selecionadas para o estudo aqui proposto, principalmente observando a construção textual e a estruturação dos personagens nas obras.

1.1 Justificativa e metodologia aplicada ao estudo.

As obras em análise são dois marcos da literatura em língua inglesa e não observamos ultimamente estudos relacionando-as. Em nossa pesquisa, pretendemos problematizar as semelhanças e diferenças contidas nessas narrativas. Com base nesta proposta, buscamos não somente estudar as obras individualmente, mas realizar uma análise envolvendo-as e demonstrando o processo de intertextualidade implícita presente entre as tramas.

Ao propor uma análise comparativa entre as narrativas, temos uma série de perspectivas teóricas que viabilizam o estudo. Uma delas é o viés intertextual. Outras teorias poderiam ser úteis para o estudo, tais como: arquétipo, Northrop Frye e o palimpsesto, Gérard Genette; entretanto, esta pesquisa está alicerçada nas contribuições de Kristeva e Koch, Bentes, Cavalcante. Entendemos que os estudos realizados pelas autoras estão relativamente interligados e facultam o estudo proposto nesta pesquisa.

Como citado anteriormente, outros pressupostos teóricos poderiam embasar teoricamente nossa pesquisa, contudo decidimos encaminhar este estudo com base no conceito de intertextualidade apresentado por Julia Kristeva (1974). Como estamos elaborando um estudo comparado, a definição de Kristeva sobre o diálogo entre textos, como uma espécie de “absorção e transformação” é representativo nesta pesquisa, pois observamos uma associação entre os textos de modo implícito. Isso nos permite vislumbrar um certo diálogo entre elementos absorvidos e transformados na comparação entre as obras. Koch, Bentes, Cavalcante (2007) serão fundamentais na diferenciação entre intertextualidade implícita e explícita, as autoras distinguem as características básicas de cada princípio teórico concernente à intertextualidade.

Destacamos que esta é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, ou seja, trabalhamos com dados disponibilizados em livros, revistas, TCC's, e textos críticos sobre as obras e os pressupostos teóricos utilizados na pesquisa.

Realizamos a leitura e fichamento dos textos ficcionais e elencamos os trechos que possibilitam observar as semelhanças e diferenças entre as narrativas. Após esse momento, realizamos uma leitura dos textos teóricos que viabilizam o estudo proposto. Ao ter este material organizado, partimos para o momento analítico das obras.

Este estudo está dividido em quatro momentos e disponibilizamos a sequência das partes da seguinte forma: Primeiramente, apresentamos um resumo conciso das obras, pois acreditamos que o leitor deve estar inteirado sobre os enredos das narrativas em estudo. No segundo momento, faremos uma exposição referente aos pressupostos teóricos utilizados nesta pesquisa. O terceiro seguimento versará sobre a análise textual e será dividido em duas partes: 1) das semelhanças e 2) das diferenças entre as obras.

2 RESUMO DAS OBRAS

Nesse momento, se faz necessário apresentar um breve resumo sobre as narrativas em análise. A primeira obra é o romance *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818). A narrativa inicia-se com cartas de Robert Walton, um marinheiro que narra detalhadamente à sua irmã sua viagem ao Polo Norte. Durante a viagem, ele e sua tripulação resgata Victor Frankenstein que estava praticamente à beira da morte flutuando sobre placas de gelo. O romance abordará o relato exposto pelo Doutor Frankenstein enquanto se recupera no barco. Ele revela ao capitão Walton sua criação, um ser grotesco que o fez perder aquilo que mais amava em sua vida: sua família e amigos.

Vale ressaltar que a estrutura da narrativa se desenvolve através de cartas – um personagem ouve o relato e transmite para outrem, ou seja, uma narrativa dentro da outra. Quando Victor Frankenstein termina a sua história, o marinheiro tem um manuscrito de sua narrativa, uma trama detalhada e concebida por meio de cartas para a sua irmã Margaret. Durante o período de duas semanas, o Doutor não consegue se recuperar e faz um apelo ao capitão da embarcação: se Walton tivesse

a chance ou o azar de cruzar com o monstro criado por suas mãos, fizesse justiça em seu nome. Em poucos minutos a criatura estava abordo e debruçada sobre o caixão de Victor. Ele confessa ao marinheiro que não precisaria se preocupar, pois não teria mais nenhum motivo para continuar vivo. Vejamos um trecho da obra como ilustração:

Outrora eu falsamente esperei encontrar seres que, revelando meu aspecto externo, iriam me amar pelas excelentes qualidades que eu era capaz de demonstrar. Nutri pensamentos elevados de honra e devoção. Mas agora o crime me degradou abaixo do mais vil dos animais. Nenhuma culpa, nenhuma injúria, nenhuma maldade, nenhuma tristeza podem ser comparadas às minhas. (SHELLEY, 2017, p. 230).

O trecho acima sinaliza para um fator importante: a “coisa” é/era um ser de boa índole; porém, o meio corrompeu o comportamento da “criatura”. Em seguida, a “criatura” sinaliza para um desfecho breve de sua vida. A “coisa” afirma: “mas logo morrerei... Dizendo isso, saltou pela janela da cabine sobre a jangada de gelo que flutuava perto da embarcação”. (SHELLEY, 2017, p. 232).

A segunda obra tem por base o dualismo da personalidade de um Doutor muito famoso na cidade de Londres, Henry Jekyll. A história é ambientada em solo londrino, por volta do século XIX, no qual o foco principal é descobrir quem é o misterioso amigo do Dr. Jekyll: o Sr. Edward Hyde, um criminoso e assassino. A história é transmitida por meio de relatos do advogado do Dr. Jekyll, o Sr. Gabriel Utterson.

A trama tem o seu início quando Utterson descobre que o criminoso mais comentado na cidade é um conhecido e acobertado pelo Dr. Jekyll. Com isso, o advogado começa a investigar o senhor Hyde e a relação com Dr. Jekyll. Com isso, o advogado, também amigo do Doutor, começa a pensar que Hyde está de alguma forma ameaçando Jekyll. Depois de um tempo e de alguns crimes cometidos, Hyde simplesmente desaparece. O Dr. Jekyll volta a ver os amigos e realizar os seus jantares em sua residência. Um fato insólito ocorre com o personagem Dr. Jekyll e o leitor toma conhecimento que Jekyll e Hyde são uma só pessoa. O médico desenvolveu uma fórmula que o transforma em Hyde; contudo, a frequência com que Jekyll utiliza o fármaco afeta sua composição física e a “persona Hyde” começa a tomar controle da situação, ou seja, a criatura está sobrepujando o criador.

Jekyll decide contar a verdade para um dos seus amigos antes mesmo de revelar essa insólita história a Utterson, assim resolve mostrar a Lanyon suas duas formas, pois era algo inacreditável para ser expresso em palavras. As respostas sobre

o testamento, o desaparecimento de Hyde, o comportamento estranho e o isolamento do Dr. Jekyll são revelados por meio de uma carta endereçada a Utterson. Assim como o motivo pelo qual o Dr. Jekyll tira a própria vida; pois, para se livrar de Hyde, ambos teriam que morrer, visto que os dois são a mesma pessoa.

O fato da criação de um *indivíduo* (um monstro) ser retratado nas duas obras, isso nos permite um processo analítico destacando os pontos convergentes, assim como os traços divergentes entre as narrativas descritas anteriormente. Com base em um exame textual, não visualizamos menções explícitas entre os textos em análise ou um diálogo explícito entre Robert Louis Stevenson e Mary Shelley. Porém, por meio da análise textual, podemos dizer que ambas as obras possuem uma relação intertextual na estruturação do enredo, assim como em seus protagonistas, quando se trata da relação entre criador e criatura.

Ao observar uma possível inter-relação entre as narrativas, propomos estudar detalhadamente os traços intertextuais entre as tramas. Como evidenciado anteriormente, esta pesquisa se dará através das seguintes contribuições: Julia Kristeva (1974), Koch, Bentes, Cavalcante (2007), Tania Carvalhal (2006), e outras fontes que favoreçam o estudo em questão. Vejamos os principais conceitos sobre o arcabouço teórico a seguir.

3 DISCUSSÃO TEÓRICA: INTERTEXTUALIDADE

3.1 Diacronia sobre os estudos comparativos

Explicitamos que este estudo pretende realizar uma leitura comparada sobre as obras selecionadas para análise. No que diz respeito à literatura comparada, tomamos como pressuposto teórico os estudos de Carvalhal (2006), a autora explica o funcionamento dos estudos comparados em seu livro "*Literatura Comparada*". Dessa forma, será feito um breve resumo de como a literatura comparada era estudada no século XX. A década de 1950 será um divisor na perspectiva dos estudos comparados, pois ocorre uma mudança significativa no método utilizado em uma análise comparada.

A literatura comparada é uma forma de investigação literária com o poder de confrontar duas ou mais literaturas. Até os anos 50, os estudos comparativos estavam alicerçados em análises de literaturas de países diferentes. Dessa forma, o estudo era

limitado em comparar somente as semelhanças e referências que despontavam entre uma obra e outra. Mas, aos poucos, a literatura comparada foi ganhando espaço e um método diferente de estudos, visto que os exames textuais não se tratavam apenas de uma mera “comparação” dos traços semelhantes entre as obras.

Com isso, várias críticas foram feitas ao método comparatista, já que, ao analisar uma obra, é possível confrontar obras de um mesmo país/uma mesma língua. Deste modo, não se deve generalizar a expressão “comparada” como um estudo meramente centrado nas semelhanças entre textos; porém, observamos uma nova metodologia para o estudo comparado: as fontes e influências cedem lugar para um estudo imanente das obras e o destaque para as semelhanças e diferenças entre os textos.

Com esta nova faceta referente aos estudos comparados, contribuições teóricas são fundamentais para o exame das obras. Entre as múltiplas possibilidades teóricas, temos os seguintes termos: arquétipo, palimpsesto, paródia, alusão, intertextualidade etc. Mediante essa pluralidade de conceitos, decidimos utilizar as noções de intertextualidade, na perspectiva de Kristeva (1974) e Koch, Bentes, Cavalcante (2007). Entendemos que para efetuar esta análise, as contribuições de Kristeva, Koch, Bentes, Cavalcante são fundamentais para observarmos o diálogo intertextual e implícito entre os textos.

3.2 A intertextualidade

Ao observamos um texto e analisá-lo, há uma grande possibilidade de encontrarmos resquícios de outros textos, ou até mesmo referências, o que chamamos vulgarmente de *intertextualidade*. Existe diversas maneiras de falar sobre o diálogo intertextual, nesse caso vamos focar somente em dois tipos específicos: a intertextualidade implícita e a explícita.

Primeiramente, uma conexão intertextual entre narrativas só é possível devido ao horizonte de expectativas do leitor e a sua atenção ao texto lido. Vejamos duas possibilidades de leitura na perspectiva de Alberto Manguel (1997). O autor descreve duas maneiras de efetuar uma leitura: “primeiro, seguindo ofegante os eventos e as personagens, sem me deter nos detalhes, o ritmo acelerado da leitura às vezes arremessando a história para além da última página”. Com base na experiência de

Manguel, o seu primeiro modelo de leitura é considerado como impaciente, ofegante e que não se preocupa com os detalhes, ou seja, uma leitura superficial da narrativa. Neste caso, o leitor não pretende ter o conhecimento do enredo e a ação dos personagens na trama.

O segundo paradigma de leitura proposto por Manguel é mais detalhista, cuidadoso, visa explorar o texto e suas especificidades, objetivando uma melhor compreensão estética da obra. Vejamos como Manguel descreve sua segunda maneira de leitura:

Em segundo lugar, explorando cuidadosamente, examinando o texto para compreender seu sentido emaranhado, descobrindo prazer no simples som das palavras ou nas pistas que as palavras não queiram revelar, ou no que eu suspeitava estar escondido no fundo da própria história, algo terrível ou maravilhoso demais para ser visto. (MANGUEL, 1997, p. 27).

Com isso, o autor sinaliza para dois quesitos importantes em uma narrativa: a história contada (superfície) e os elementos estéticos disseminados no texto que revelam diversas possibilidades de leituras, além das palavras disponibilizadas explicitamente ao leitor. Adotamos o segundo modelo de leitura; pois, um estudo enviesado pela intertextualidade implícita e requer um detalhamento significativo de duas narrativas e uma elaboração crítica sinalizando para as convergências e divergências entre as tramas.

De modo genérico, podemos dizer que o termo intertextualidade é um “diálogo” entre textos; um texto que serve de paradigma para outro texto. Júlia Kristeva (1974, p. 64) define intertextualidade da seguinte forma: “todo texto se constrói como um mosaico citações”. Faremos uma ponderação crítica sobre o fragmento em questão. A autora generaliza em sua definição, logo qualquer texto pode evidenciar um outro texto oculto. A autora não descreve como o mosaico de citações pode ser visualizado pelo leitor. Lembremos que os múltiplos significados em um texto só serão desvendados pelo leitor mediante o seu horizonte de expectativas ou suas múltiplas leituras (bagagem literária). Isto é fator subjetivo.

Kristeva prossegue: “todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. A autora insiste no uso do “todo”; contudo, temos um fator importante e considerável para o nosso estudo: o texto “B” irá absorver e transformar algo referente ao texto “A”.

Em nosso estudo, *Frankenstein* assume a faceta de texto “A” e *O médico e o Monstro* é o texto “B”. De modo preliminar, podemos evidenciar traços de semelhança entre os textos em análise. Vejamos alguns: As estruturas das narrativas despontam para uma história primária; um encontro inesperado; um relato concernente à uma outra história. Segundo a criação de uma criatura por meio de um médico. Entretanto, a relação entre os textos não é explícita, ela requer do leitor um esforço cognitivo visando relacionar os textos em análise. Algumas obras sinalizam para uma relação explícita entre os textos. Em *Dom Casmurro* (cap. 125), o narrador faz uma menção direta a Príamo, Heitor e Aquiles. Este caso, temos uma intertextualidade explícita, o leitor tem um parâmetro ou meio para relacionar o texto machadiano ao evento grego contido na *Íliada*. Em nosso caso, estamos trabalhando com uma outra vertente da intertextualidade, o seu caráter implícito.

Seguindo essa linha de raciocínio, Koch, Bentes, Cavalcante (2007), explicará com mais detalhes os fundamentos da intertextualidade explícita e implícita no âmbito da linguística³. As autoras descrevem que “a intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto, ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador (...) é o caso das citações, referências, menções” (...). A intertextualidade explícita, como o próprio nome esclarece, ocorre quando uma referência ao texto base (A) é mencionado no texto segundo (B). No exemplo machadiano, anteriormente citado, é possível perceber o “diálogo” entre as obras. Neste quesito, não há qualquer divergência entre linguística e literatura.

No caso da intertextualidade implícita, a autora define:

Nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido. (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 31).

³ Não encontramos um debate sobre intertextualidade explícita e implícita no campo da literatura. Tomamos por empréstimo os conceitos da linguística e reformulamos visando aplicá-los ao texto literário.

Algumas considerações sobre a citação acima. Recorremos à linguística para o entendimento funcional da intertextualidade explícita e implícita. No caso desta última, “o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto”. Em um discurso, isto é um fator pontual; pois, do contrário, a mensagem não será entendida. Na literatura, reconhecer o intertexto não invalida ou dificulta o entendimento do texto “B”, mas a possibilidade do “diálogo” entre os textos evoca o valor estético do texto “B”. No meio literário, precisamente em nosso estudo, “a construção do sentido” será comprovada pela possibilidade da comparação aventada por “nós” e sem prejuízo de sentido. *O médico e o monstro* é lido desde o seu lançamento e a compreensão da história nunca foi prejudicada. Esta análise visa demonstrar uma afinidade composicional entre os textos e suas diferenças circunstanciais.

Pelo viés literário, só será possível identificar uma *intertextualidade implícita* se o leitor tiver o conhecimento do intertexto (horizonte de expectativas ou leitura prévia – concordamos com Koch, Bentes, Cavalcante), pois nossa memória literária será ativada e relacionaremos algumas obras literárias, em nosso caso, a obra de Mary Shelley e Robert Louis Stevenson. Entretanto, as obras podem ser lidas separadamente sem prejuízo algum no entendimento das tramas.

Com base no exposto até o momento, é possível realizar uma análise intertextual entre o romance *Frankenstein*, de Mary Shelley e a novela *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson. Observamos uma relação intertextual entre as estruturas composicionais das narrativas, comparamos as semelhanças e destacando as diferenças. Nesta perspectiva analítica, destacamos que só é possível ao leitor estabelecer tal proposta de estudo se ele for conhecedor das duas narrativas.

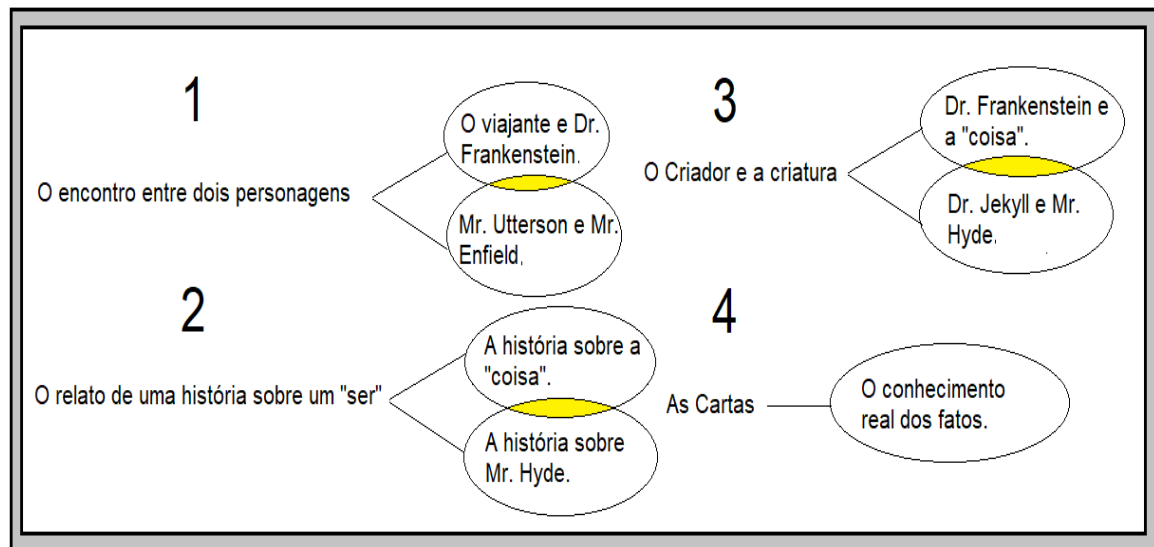
Como descrito anteriormente por Manguel (1997), a partir de uma leitura detalhada, o leitor tem a capacidade de desvendar diversos significados que não estão explícitos, mas escondidos, ou seja, o leitor poderá fazer outras comparações usando o mesmo texto. Assim, partiremos para uma análise intertextual entre as obras citadas.

4 ANÁLISE TEXTUAL

4.1 Das semelhanças entre os textos

Tomemos o Figura 1 abaixo como uma visualização pictórica das semelhanças encontradas entre as narrativas.

Figura 1. Esboço pictórico das semelhanças entre as narrativas.



Fonte. 1

Quatro momentos apresentam uma intersecção entre as narrativas. Apresentaremos as relações de proximidade entre os textos, mas assinalamos que as semelhanças evocadas serão analisadas pelo viés das diferenças posteriormente. Por meio do quadro acima, podemos asseverar que a estrutura do enredo entre as duas obras se assemelha consideravelmente, pois ambas apresentam um encontro entre personagens que evoca uma outra narrativa; a segunda trama faz menção ao "monstro"; o monstro é criado por um médico; e o conhecimento detalhado dos fatos é revelado por meio de cartas. Com base nos dados auferidos e comparados, temos uma série de indícios que possibilitam o estudo comparativo; pois, situamos os eventos que se assemelham entre as obras.

Em *Frankenstein*, Shelley apresenta o encontro de Victor Frankenstein e Walton como um acaso do destino. Ao viajar em alto mar, a tripulação do marinheiro Walton encontra o médico Frankenstein à deriva e solitário no mar. Após o resgate, Walton e Victor iniciam uma amizade, e, com isso, surgem diversas perguntas

curiosas da parte do marinheiro, Victor decide lhe contar sua história. Uma história bastante intrigante e que lhe custou muitas vidas. Walton, ao escutar, não podia deixar de escrevê-la para sua irmã.

Em Stevenson, o narrador apresenta ao leitor o encontro entre Mr. Utterson e Mr. Enfield como algo rotineiro na vida dos personagens. Aos domingos, eles costumam caminhar juntos e conversar sobre amenidades; porém, um assunto insólito rompe a cadeia dos temas supérfluos, Mr. Enfield irá relatar “a história da porta” e o evento referente ao homem que pisoteou uma criança “por volta das três horas de uma escura madrugada de inverno”. (STEVENSON, 2015, p. 63). Este é o primeiro relato sobre a figura do monstro solto em Londres. A revelação do ocorrido com Mr. Enfield é princípio motor para o futuro processo investigativo proposto por Mr. Utterson. Sua investigação propiciará o desenvolvimento da trama em sua plenitude.

Ao observar os dois encontros presentes nas obras, entendemos que eles funcionam metaforicamente como um gatilho para o desenrolar do enredo nas duas narrativas. Outro fator, mesmo sem nenhuma citação explícita, o leitor perspicaz pode aventar uma intersecção entre as obras, isso aproxima ou permite o “diálogo” intertextual implícito entre as obras. Lembremos: ao examinar as diferenças, este trecho será novamente examinado criticamente mediante outra perspectiva investigativa.

Em Shelley, o “ser” criado por Victor Frankenstein nunca possuiu um nome, pois o mesmo fez questão de não lhe dar um, visto que, ao se deparar com a “coisa” pela primeira vez, o médico fica extremamente assustado e foge de sua presença. Dessa forma, a criatura é nomeada por vários nomes desprezíveis, sempre levando em consideração a sua aparência e o seu tamanho. O próprio “ser” se espanta com sua aparência. Vejamos: “como fiquei aterrorizado quando me vi numa poça transparente! Primeiro recuei, incapaz de acreditar que era de fato eu que estava refletido no espelho”. (SHELLEY, 2017, p.122). Assim, é compreensível a reação de qualquer um que o visse. Apesar de ter uma aparência grotesca, o monstro não era um ser malévolo, ele possuía sentimentos e intenta se familiarizar com as pessoas, mas ninguém lhe dá oportunidade para isso.

Evidenciando uma certa proximidade entre os textos, no diálogo com Mr. Utterson, Mr. Enfield discorre sobre o “ser” que atacou uma criança nas ruas de Londres. Vejamos o relato:

Sim, é uma história feia. Pois o homem que persegui era um tipo com o qual ninguém desejaria se relacionar, uma pessoa realmente condenável (...). O nome do homem era Hyde. (...) Ele não é fácil de descrever. Há algo de errado com sua aparência, alguma coisa desagradável, alguma coisa realmente detestável. (STEVENSON, 2015, p. 67).

A descrição de Mr. Enfield sinaliza para um homem fora dos padrões humanos. Segundo o personagem, Ele não é fácil de descrever. Em outros momentos da narrativa, Hyde imprime o medo pelo seu aspecto físico e comportamental. Algo em sua essência exala e incute o terror nas pessoas ao seu redor.

“A coisa” (*Frankenstein*) e Mr. Hyde (*O médico e o monstro*) permitem um outro traço de afinidade entre as obras. Ao descrever “a coisa” e a sua morfologia, Victor permite ao leitor vislumbrar um “ser humano”, mas a sua constituição física difere dos *padrões humanos*. Ao vislumbrar “a coisa”, automaticamente ele é tido como um ser “mal” unicamente pela sua aparência. A intertextualidade implícita se dá quando, ao descrever Hyde, “a Coisa” vem à mente do leitor e as informações citadas acima podem ser cambiadas para Mr. Hyde ou “a Coisa”, de Shelley.

O terceiro fator a ser evidenciado, o enredo das obras gira em torno de uma criação insólita. Ambos os personagens são cientistas muito inteligentes e persistentes, eles passam dias isolados em seus laboratórios, estudando e fazendo testes até chegarem ao “sucesso”. Em *Frankenstein*, o personagem Victor, se isola do mundo para poder se dedicar ao máximo a sua criação. O cientista deixa os amigos e familiares em segundo plano. Assim como, em *O médico e o monstro*, Dr. Jekyll se isola em seu laboratório, para poder fazer seus experimentos. De modo genérico e sem um aprofundamento analítico, é evidente as semelhanças na estrutura narrativa dos textos. Como discutido no segmento teórico, não há qualquer menção à obra *Frankenstein* em *O médico e o monstro*; entretanto, os três segmentos elencados consentem para um estudo pautado na intertextualidade implícita. As relações estabelecidas até o momento são possíveis devido ao conhecimento de ambas as obras. As narrativas são autônomas, este exame analítico visa aproximá-las. O

conhecimento do texto “A” não enseja uma melhor compreensão do texto “B”, mas possibilita ao leitor observar uma faceta da literatura: intersecções textuais.

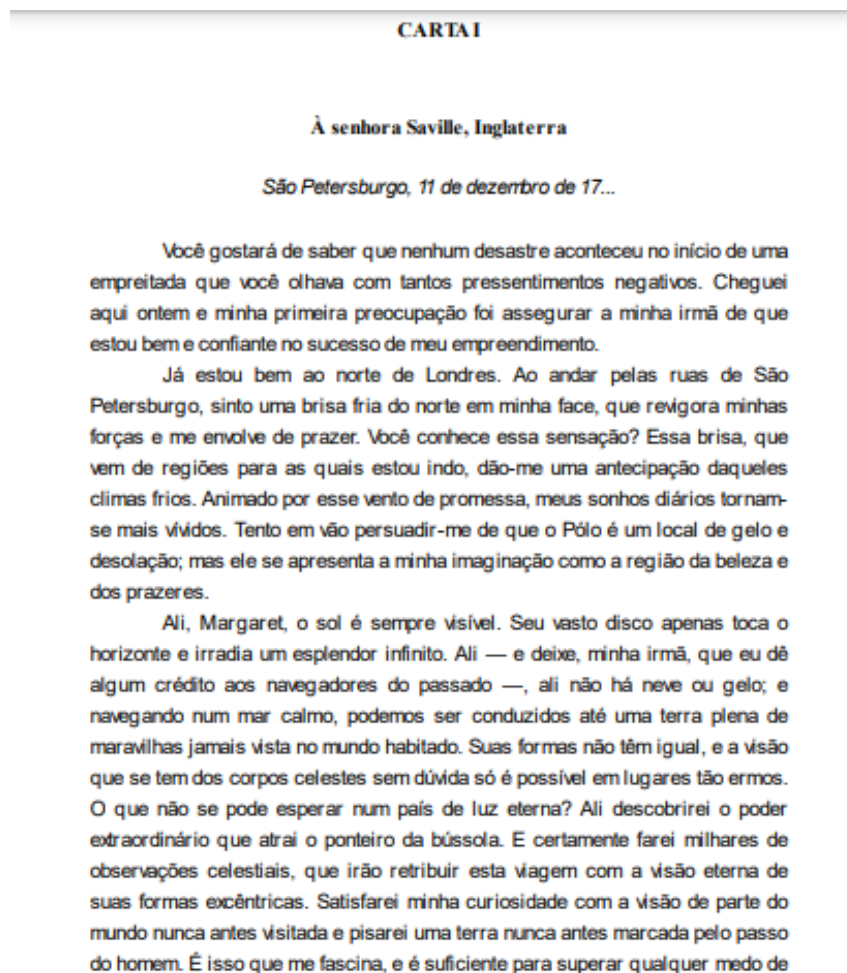
Finalizando este seguimento, as narrativas “dialogam” pelo viés epistolar. No texto primeiro, *Frankenstein*, de Mary Shelley, a narrativa é concebida em terceira pessoa e o relato é conduzido por meio de cinco cartas, sendo a última o desfecho de toda a história. Na segunda trama, *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, o leitor vai compreender toda a história devido à carta deixada por Dr. Jekyll (desfecho da trama), uma explanação pormenorizada de todos os fatos envolvendo o Médico e a figura de Mr. Hyde.

De modo ilustrativo, disponibilizaremos a primeira carta contida na obra a seguir. As cartas não endereçadas à irmã do marinheiro que encontra Victor Frankenstein no mar. Após o encontro com Victor, o marinheiro relatará tudo para a irmã, ou seja, a história da “coisa” criada pelo cientista e naufrago. Entre a quarta e a quinta (última carta), temos vinte e quatro capítulos, neles observamos todos os fatos contados com Victor. O desfecho da trama se concretiza na última carta. “A coisa” visita o marinheiro, relata a sua história e mediante o seu ponto de vista.

Em *O médico e o monstro*, o desfecho ocorre por meio de uma carta. Este documento permitirá que Mr. Utterson e os leitores tenham conhecimento sobre os pormenores e o ponto de vista do Dr. Jekyll sobre a criação do monstro (Mr. Hyde). Assim como evidenciado anteriormente, os quatro elementos elencados para o exame analítico permitem uma leitura intertextual implícita entre as obras.

É intertextual devido às intersecções aventadas no quadro anteriormente exposto. O complemento “implícita” diz respeito ao processo de relações textuais sem uma menção clara ao texto primeiro. Na linguística, a intertextualidade implícita é intencional e necessita do conhecimento prévio do ouvinte para ter sentido ou funcionalidade. Na literatura, o autor pode relacionar implicitamente textos; contudo, o leitor entenderá o conteúdo do texto lido sem necessariamente relacioná-lo a outros textos. A possível relação intertextual implícita acrescentará valor estético à obra e outros significados possíveis dentro da nova.

Figura 2. Carta 1 – Início do romance de Mary Shelley.



Fonte. 2

4.2 Das diferenças entre os textos

Em *O médico e o monstro*, de Stevenson é possível destacar diversas diferenças a partir das próprias semelhanças: O encontro (gatilho para o início da história), a história do monstro, os cientistas e a carta desfecho.

Em ambas as histórias, o gatilho para iniciar a narrativa (história) é o encontro entre personagens. Em Shelley, tudo começa a partir do resgate de Victor Frankenstein. O personagem está flutuando sobre placas de gelo e a tripulação, com o consentimento do marinheiro Walton, realiza o resgate do naufrago. Após ser alimentado e encontrar abrigo, Victor e Walton iniciam um laço de amizade. A narrativa moldura (a viagem de Walton) cederá espaço para uma outra narrativa, ou seja, os fatos relatados por Frankenstein.

Em Stevenson, a história tem o seu início mediante o encontro de dois personagens: Mr. Utterson e Mr. Enfield (narrativa moldura). Textualmente, é perceptível que os personagens são colegas e possuem certa intimidade. Um assunto aleatório faz emergir o segundo relato: a história de Mr. Hyde. Com base neste dado, as semelhanças evocam diferenças sutis. Estes dois parágrafos evidenciam uma dessemelhança primária entre as obras.

Vejamos como ocorre a criação de ambos os monstros. Os personagens (criadores) são cientistas que tem o objetivo de criar algo insólito e, a partir dessa semelhança, se destaca uma significativa diferença. No romance de Shelley, criador e criatura são duas pessoas. Já na novela de Stevenson, criador e criatura são as mesmas pessoas, ou seja, o fato de os protagonistas terem o mesmo intuito durante a narrativa, é um ponto convergente, mas é a partir desse ponto que observamos uma diferença relevante.

As criaturas apresentadas nos textos são muito distintas, tanto na personalidade quanto na fisionomia. A criatura descrita no Romance de Shelley, não possui um nome, sendo identificada sempre por nomes como: *ogro*, *monstro*, *criatura do inferno*. Entretanto, a nomenclatura mais utilizada é: “criatura”. Como descrito anteriormente, o personagem foge do padrão físico de um ser humano convencional. Mediante sua morfologia, as pessoas utilizavam os termos anteriormente citados como referência à “coisa”.

Em Stevenson, temos um elemento que diferencia drasticamente os monstros nas narrativas: Dr. Jekyll e Mr. Hyde são as mesmas pessoas. Outro fator, a criatura tem um nome social: Mr. Hyde. Assim como “A coisa”, Mr. Hyde pode ser descrito da seguinte forma: *ogro*, *monstro* e outras qualidades degradantes, pois sua aparência é devastadora e grotesca. Sua fisionomia é bastante desagradável ao público (de estatura baixa, pálido e aparenta ser aleijado). Textualmente, temos uma descrição simples e objetiva de sua aparência: “Ele era baixo, estava vestido de forma simples, e sua aparência, mesmo de longe, lhe causou imediata repulsa” (STEVENSON, 2015, p. 74). A aparência de Hyde é um pouco distinta do monstro criado por Victor Frankenstein. A criatura em Shelley tem, de certa forma, uma feição desagradável e detestável, sua cor era um esverdeado (meio pálido), chegava a ter quase mais de 2 metros de altura e não tinha nenhuma dificuldade no seu caminhar.

Além disso, outro ponto divergente concerne as suas respectivas personalidades. A criatura descrita na novela de Stevenson apresenta uma personalidade única, ou seja, ela manteve o mesmo comportamento do início ao final da obra. O exame textual nos permite entender o porquê do comportamento de Mr. Hyde: ele é a parte má da totalidade do Dr. Jekyll. O próprio médico explica a constituição de sua criatura.

A final, no decorrer de minha vida, que tem sido nove décimos uma vida de esforços, virtude e controle, meu lado mau tinha sido muito menos exercitado e muito menos exaurido. Daí a razão, creio eu, para Edward Hyde ser muito menor, mais leve, e mais jovem do que Henry Jekyll. (...) Isto, assim entendo, acontecia porque todos os seres humanos que encontramos são misturas do que é bom e do que é mau, e somente Edward Hyde, no gênero humano, era maldade pura. (STEVENSON, 2015, p. 128).

Nas palavras de Jekyll, podemos entender a dimensão física e o traço de crueldade referente à personagem de Hyde. O doutor explica que o seu lado mau não foi desenvolvido significativamente durante sua vida. Na versão “Dr. Jekyll”, percebemos um ser bondoso e generoso. O lado cruel, pouco desenvolvido, é materializado na estrutura física de sua criatura, um homem pequeno; mas, por concentrar somente o instinto mau, Hyde difere dos outros seres por ser genuinamente e unicamente mau. Nas palavras de Jekyll: “somente Edward Hyde, no gênero humano, era maldade pura”.

No romance de Shelley, a criatura sofre uma modificação considerável devido ao meio em que é inserida, pois a mesma passou por diversas situações que a fizeram mudar o seu comportamento interno. Ressaltamos que, apesar de ser uma criatura insólita, ela possuía sentimentos como um ser humano. Podemos visualizar este fator no fragmento abaixo, o monstro afirma que tem sentimentos e emoções como qualquer ser humano.

Agora me apresso para a parte mais comovente de minha história. Devo relatar fatos que me impressionaram com sentimentos que transformaram o que eu era no que sou hoje. (SHELLEY, 2017, p. 125).

No trecho acima, é possível observar uma mudança *interior* na criatura (em Shelley). Estabelecendo uma comparação com Mr. Hyde, temos um criminoso muito conhecido na cidade pelos seus atos e espalha maldade até mesmo no olhar. Entendemos o motivo do medo impresso por Hyde devido à sua faceta má e unitária. Ele difere pontualmente de qualquer ser humano. Assim, temos uma conjugação entre aparência física e comportamento. Em Shelley, a criatura, em seu primeiro estado, difere dos seres da vida cotidiana (constituição física). Sobre a sua interioridade, temos uma criatura ingênua, solitária. O objetivo da “coisa” é ter um lar e aceitação da sociedade. Entretanto, ele é humilhado, rejeitado e agredido antes mesmo de evidenciar a sua bondade. Com isso, foi crescendo um sentimento de vingança pelo seu criador, por ter lhe abandonado e lhe feito com uma imagem tão horrenda, impedindo-lhe de viver com outras pessoas. Como podemos observar na passagem abaixo.

‘Odioso dia em que recebi a vida!’, exclamei em agonia. ‘Amaldiçoado criador! Por que formaste um monstro tão horrendo que até *tu* te afastaste de mim enjoado? Deus, com piedade, fez um homem belo e encantador, a partir de sua própria imagem; mas minha forma é um tipo sujo da sua, mais horrível ainda pela semelhança. (SHELLEY, 2017, p. 139).

Foi por esse motivo que a criatura decidiu não ser mais gentil e bondoso com as pessoas, visto que ela não era tratada como merecia. Então, se tornou, de fato, um ser cruel, vingativo e assassino, fazendo jus a sua imagem. No processo de absorção e transformação, podemos observar sutis diferenças entre as criaturas. A criatura, em Shelley, é aparentemente monstruosa; porém, em seu primeiro estado, é um ser desprovido de maldade. Temos uma assimetria entre aparência e comportamento. A vivência e a rejeição social são fatores que interferem e mudam o comportamento da criatura. Após ser maltratado, a “coisa” assume ou desenvolve uma índole má. Neste momento, aparência e comportamento assumem uma simetria. Em Stevenson, a aparência e o comportamento de Hyde são simétricos devido à informação descrita por Jekyll: “somente Edward Hyde, no gênero humano, era maldade pura”.

O enredo do romance de Mary Shelley, *Frankenstein*, é composto por cartas escritas pelo marinheiro Walton, em que narra sua viagem à irmã. Em meio a sua jornada, ele começa a escrever a história de Victor Frankenstein em formas de cartas

para enviar à irmã. Um fator relevante: “Frankenstein descobriu que fiz anotações sobre sua história”. (SHELLEY, 2017, p. 220). Walton, simbolicamente, cumpre a função de Horácio (em *Hamlet*). O marinheiro será o personagem que relatará essa história para o mundo.

Além de poder ouvir da boca do próprio Victor Frankenstein, ele escreve em detalhes tudo o que realmente aconteceu no passado do médico, com isso ele terá a possibilidade de mostrar para o mundo a grande história de Frankenstein e sua criatura, visto que o próprio Frankenstein não terá mais forças para prosseguir vivo. Um elemento que confirma o relato de Victor é o encontro entre Walton e a “coisa”. Vejamos: “Entrei na cabine onde estavam os restos de meu malfado e admirável amigo. Sobre ele debruçava-se uma forma que não tenho palavras para descrever (...)”. (SHELLEY, 2017, p. 228). Dessa forma, o marinheiro foi o único que pode ouvir e saber de toda a verdade, além de ter tido o contato com o criador e a criatura em seu navio.

O mesmo acontece na novela de Robert Louis Stevenson, *O médico e o monstro*. No final da narrativa, o leitor e Mr. Utterson irão conhecer os detalhes do surgimento de Edward Hyde. Jekyll deixa uma carta explicando tudo sobre sua criatura: desenvolvimento da pesquisa, o fármaco, a estrutura física de Mr. Hyde e o seu final. O médico destina todas essas informações a Mr. Utterson; porém, todo o conhecimento é descortinado após o suicídio de Jekyll. Utterson será o detentor irrestrito referente ao caso relatado pelo Dr. Jekyll. De acordo com o extrato narrativo, não há nenhuma informação sobre o processo de propagação da história via Mr. Utterson. Em Shelley, a propagação da história é imediata, a irmã de Walton recebe todo o relato em primeira mão.

As cartas apontam para desfechos diferentes. É importante ressaltar o desfecho entre as duas obras analisadas e como criador e criatura morrem. Os cientistas e seus experimentos terão finais diferenciados. Primeiramente, iremos observar o relato contido em *Frankenstein*.

Me perturba que ele possa continuar vivo para ser um instrumento de maldade; em outros aspectos, essa hora, em que espero minha libertação, é a única feliz que saboreio há vários anos. (SHELLEY, 2017, p. 227).

No trecho acima, observamos o discurso de despedida de Victor Frankenstein (em seu leito de morte). O personagem relata que a sua morte será um momento paz e felicidade, pois mesmo que a criatura continue viva e espalhando maldade no mundo, ele (Victor) está, de certa forma, se livrando daquilo que lhe perturba há anos. O mesmo acontece no trecho da obra de Stevenson:

Será que Hyde morrerá no patíbulo? Ou encontrará coragem para se libertar no último instante? Deus sabe; para mim é indiferente, chegou a hora verdadeira de minha morte, e o que virá no futuro diz respeito a outro que não eu. Aqui, pois, ao descansar a pena e lacrar minha confissão, ponho fim à vida infeliz de Henry Jekyll. (STEVENSON, 2015, p. 143).

Observamos uma diferença circunstancial entre as narrativas. Victor morre e encontra paz, contudo, o seu final não está associado ao da criatura, pois são personagens individuais. Na carta de Jekyll, o médico confessa que está, de alguma forma, se libertando daquilo que lhe fazia infeliz. Ressaltamos que, em *O médico e o monstro*, o criador e a criatura são a mesma pessoa, então, consequentemente a morte do Dr. Jekyll também é a morte de Hyde. Já em *Frankenstein*, o criador e a criatura são duas pessoas distintas como descrito anteriormente.

Quando Victor Frankenstein diz suas últimas palavras e, por fim, morre, seu amigo Walton o deixa por alguns instantes e, ao retornar à cabine em que se encontrava o corpo de Victor, ele se depara com a criatura debruçada sobre seu amigo. Diante disso, o marinheiro não foge, mas o interroga e ouve muitas lamentações da criatura, indagando que não teria mais motivos para continuar vivo. Esta informação permite ao leitor conjecturar o suicídio da “coisa”. Neste trecho, a criatura contempla o corpo do seu criador e se despede afirmando que não viverá por muito tempo.

“Galgarei minha pira fúnebre em triunfo e me regozijarei nas chamas torturantes. A luz dessa conflagração irá se extinguir; minhas cinzas serão levadas para o mar pelos ventos. Meu espírito descansará em paz ou, se ainda pensar, certamente não será mais assim. Adeus!” (SHELLEY, 2017, p. 232).

A criatura se despede de Victor afirmando que deve morrer. Vejamos: “Devo morrer. Não sentirei mais a agonia que agora me consome (...) quem me criou está morto”. (SHELLEY, 2017, p. 231). O leitor não tem um desfecho claro sobre a “coisa”. Este fator difere da novela de Stevenson, Dr. Jekyll e Mr. Hyde morrem.

5 CONCLUSÕES

Com base nesta análise, observamos que o texto de Stevenson (2015), “dialoga” com a obra de Shelley (2017) em muitos momentos. Acreditamos que esta análise apresenta essas interseções. Vale ressaltar que essa comparação só é possível mediante o horizonte de expectativas do leitor. Este motivo evoca o termo *intertextualidade implícita*, pois não há referências claras entre os textos.

Esta pesquisa contribui para o entendimento dos seguintes conceitos: intertextualidade explícita e implícita. As contribuições do campo da linguística foram importantes, pois facultou criar um conceito que possibilitou analisar os textos selecionados para o estudo. No âmbito da linguística, os participantes de um evento comunicativo devem conhecer e recuperar os textos/discursos mencionados implicitamente, o desconhecimento dos implícitos afeta o entendimento da mensagem. Na literatura, desconhecer o texto “A” não afeta o entendimento do texto “B”. Mas, ao relacionar os textos (A e B), podemos vislumbrar uma das facetas da literatura: uma permuta diegética constante.

Por fim, esta pesquisa possibilitou aproximar duas obras aparentemente distintas; porém, ao observar detalhes específicos entre os textos, empreendemos este exame analítico ressaltando os pontos convergentes e divergentes entre os textos. Este exercício analítico não encerra outras possíveis incisões investigativas entre as obras.

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Tânia Franco, 1943 – **Literatura Comparada** / Tânia Franco Carvalhal. – 4.ed. ver. e ampliada. – São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo, Cortez, 2007.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MANGUEL, Alberto, **Uma história da leitura** / Alberto Manguel; tradução Pedro Maia Soares. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SHELLEY, Mary, 1797-1851 **Frankenstein ou O Prometeu Moderno**: edição comentada/Mary Shelley; tradução, apresentação e notas Santiago Nazarian; tradução dos anexos Bruno Gambarotto. – I.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

STEVENSON, Robert Louis, 1850-1894. **O médico e o monstro**; O estranho caso do Dr. Jekyll e Sr. Hyde / Robert Louis Stevenson; tradução de Jorio Dauster; prefácio de Luiz Alfredo Garcia-Roza; introdução e notas de Robert Mighall. – 1ª ed. - São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.